

Apresentação do romance

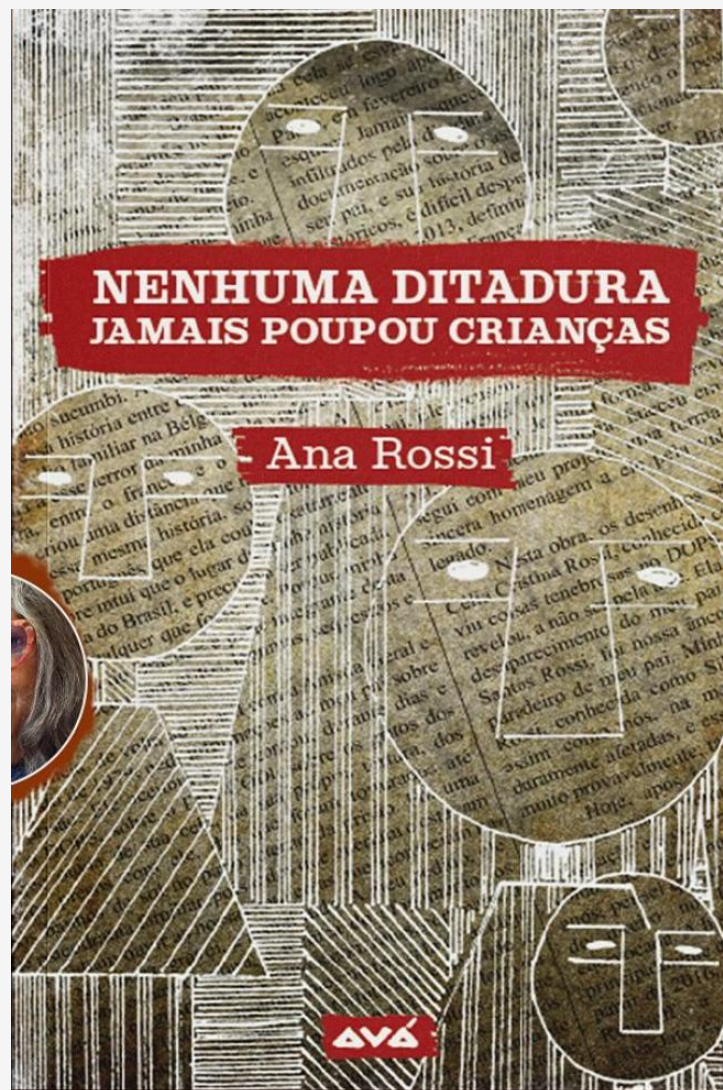
***NENHUMA DITADURA JAMAIS POUPOU
CRIANÇAS***

Ana Rossi

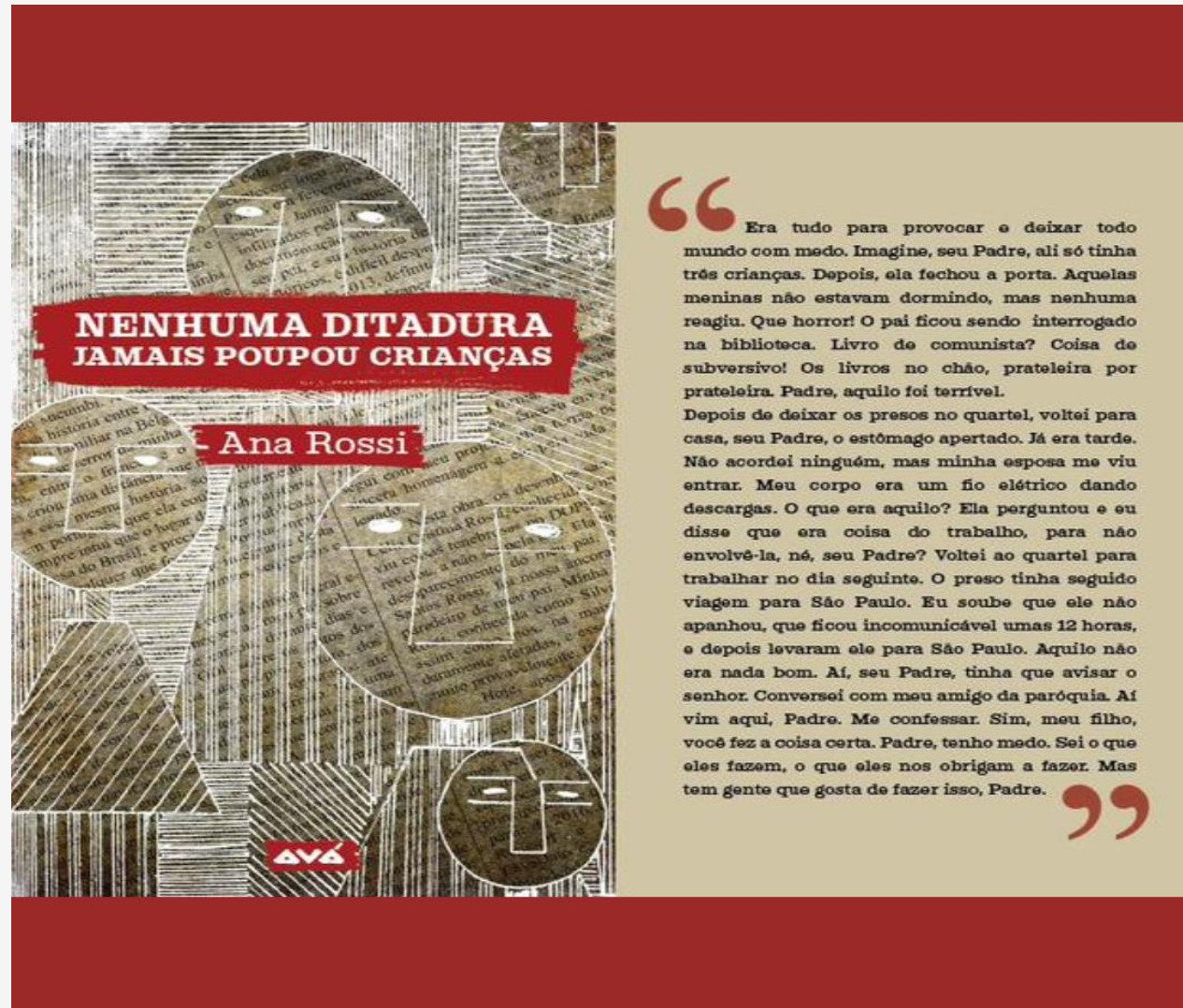
Tucarena

São Paulo, 08 de janeiro de 2026

Capa do romance



Capa e orelha do romance



NENHUMA DITADURA JAMAIS POUPOU CRIANÇAS

Ana Rossi

“Era tudo para provocar e deixar todo mundo com medo. Imagine, seu Padre, ali só tinha três crianças. Depois, ela fechou a porta. Aquelas meninas não estavam dormindo, mas nenhuma reagiu. Que horror! O pai ficou sendo interrogado na biblioteca. Livro de comunista? Coisa de subversivo! Os livros no chão, prateleira por prateleira. Padre, aquilo foi terrível. Depois de deixar os presos no quartel, voltei para casa, seu Padre, o estômago apertado. Já era tarde. Não acordei ninguém, mas minha esposa me viu entrar. Meu corpo era um fio elétrico dando descargas. O que era aquilo? Ela perguntou e eu disse que era coisa do trabalho, para não envolvê-la, né, seu Padre? Voltei ao quartel para trabalhar no dia seguinte. O preso tinha seguido viagem para São Paulo. Eu soube que ele não apanhou, que ficou incomunicável umas 12 horas, e depois levaram ele para São Paulo. Aquilo não era nada bom. Ai, seu Padre, tinha que avisar o senhor. Conversei com meu amigo da paróquia. Ai vim aqui, Padre. Me confessar. Sim, meu filho, você fez a coisa certa. Padre, tenho medo. Sei o que eles fazem, o que eles nos obrigam a fazer. Mas tem gente que gosta de fazer isso, Padre.”

Trecho lido, p. 16 e 17

“Noite de março de 1973 por Catarina

A noite caía devagar. Uma noite como outra qualquer. Aparentemente. A umidade do ar estremecia no silêncio, e as famílias arrastavam as cadeiras para a frente da casa.

Queria brincar lá fora com meus amigos. Mas já havia escurecido. Em frente à casa, havia um matagal bem fechado. De dia, brincava ali com meus amiguinhos da vizinhança, mas minha mãe não gostava quando eu ficava fora de casa depois do anoitecer. A nossa rua era bem afastada do centro da cidade, sem asfalto. Era um bairro de periferia. Do outro lado da casa havia uma linha de trem. Tudo escuro.

Trecho lido, p. 16 e 17

Saí do banho, vesti a roupa leve e vi meu pai sentado lá fora. O ar quente trazia uma sensação de leveza, mas uma tensão pairava no ar. Algo indefinido e tênue acima do nível da minha consciência flutuava, abrava-se a mim, tomava conta da casa inteira. A sensação intensificou-se. Meus sentimentos em alerta, sem razão desconhecida. Naquela noite, meu pai vestia uma bermuda de cor azul-claro que deixava à vista a cicatriz de um tiro de espingarda que ele recebeu quando atravessava o rio Tibagi, no Paraná quando ia caçar com o pai dele, meu avô. Quantas vezes ele me contou aquele episódio! Joguei a espingarda no outro lado do rio. Carregada. Ela rodopiou no ar. Virou-se para mim, bateu no chão e disparou. Quase morri. Por pouco perdia a perna e a vida. Minha mãe sentada à mesa de jantar com seu vestido florido estava prestes a servir a janta. Catarinaaaa! Venha jantar! Suas irmãs já estão aqui.

Trecho lido, p. 16 e 17

Foi um dia de alegria e piscina. Joguei-me na água várias vezes. Subia no tobogã, e descia jogando-me nas ondas azuis da piscina. Adorava nadar. Uma tarde maravilhosa de calor, que contrastava com minhas parcas lembranças da cidade onde nasci, São Paulo, capital. Uma das lembranças que tenho da capital de São Paulo era eu, vestida com uma calça comprida de lã, cor cinza-claro, que me picotava a perna. E eu coçava e coçava enquanto caminhava rapidamente pela calçada de mãos dadas com minha mãe na manhã fria, chuvosa e cinzenta da cidade.

Trecho lido, p. 16 e 17

Última noite da minha infância. O tempo acelerou-se ou parou. Vi a ruptura definitiva estancada à minha frente. Aceite-a, escrutei-a, conversei com ela durante muito tempo, aprendi a conhecê-la, tornei-a minha desconhecida amiga. Depois daquele episódio, vieram os inúmeros adeuses de minha vida, sem que eu pudesse dizer adeus: abandonei a casa onde morava, a cidade onde vivia feliz, e meses depois do “reaparecimento” de meu pai, mudei para Londrina, recomecei minha vida durante seis meses, acreditando piamente em tudo, de novo, mais uma vez. E pouco mais tarde, houve uma outra sessão de adeuses que nunca foram ditos. Deixei tudo para trás e saí do país sem ninguém saber. E este abandono tomou várias formas concretas: minha casa, minha escola, minha cidade, minha rotina, meu país, minha língua e até eu mesma. Virei outra pessoa em mim e no outro mundo. Eu mesma sem ser eu mesma.”

Minibiografia

Fui criada no Brasil e na Bélgica, sou escritora, poeta e professora da Universidade de Brasília. Tenho 9 livros publicados. Comecei minha carreira literária na França com poesia *nous la mémoire* (2007), em seguida *historiographies premières* (2008) em fase de tradução, e *éternels chemins éphémères* (2018) traduzido pela autora, (2019) sob o título *eternos caminhos efêmeros*.

Em 2021, publiquei o livro de crônicas *eu na medida de mim mesma: 88 crônicas fantásticas filhas da pandemia* premiado no International Latino Book Awards (AWA) em Los Angeles, EUA. Em 2022, traduzi *poesias de Miguel de Unamuno*, Editora da UnB, e publiquei o romance: *A purificação* (kindle) que trata da ascensão do fascismo na Itália, nos anos 1930. Em 2024 publico meu livro de poesia “senda” (2024). E, em 2025, publiquei o romance *Nenhuma ditadura jamais poupou crianças*

Muito obrigada!

Mídias sociais

Instagram: @by_anarossi

Facebook: Ana Rossi

Email: ana.16.literatura@gmail.com